

# Unicamp abre as portas para médicos angolanos

Uma parceria entre a **Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)** e o Hospital Josina Machel, em Luanda, capital da Angola, abriu as portas da universidade para que profissionais da saúde do país africano pudessem aprimorar suas especialidades. O “convênio técnico de cooperação internacional” já se estendeu para o Ministério da Saúde de Angola e foi responsável pela capacitação de cerca de 100 médicos e outros 50 técnicos da saúde.

O programa, iniciado em 2004, começou com 12 profissionais do hospital angolano. “Alguns médicos estavam na faixa de 50 anos, uma idade já mais avançada, com coragem de vir pra cá e largar a família. Ficavam entre 2 a 4 anos aqui treinando nessas áreas onde são destinados”, disse o professor e coordenador do programa, Francisco Aoki.

Para os médicos angola-

nos vir para **Unicamp** significa a oportunidade para aplicar o conhecimento adquirido na universidade africana, como explica o neurologista Job Monteiro Jama Antônio. “Aqui pude aplicar na prática muitas coisas que lá sabia apenas na teoria”, afirma.

O neurologista chegou a Campinas em 2013 e continua os estudos na **Unicamp**. Outro ponto reforçado pelo médico é o trato com o paciente. “Antes mesmo de avaliarmos as competências técnicas, existe uma vertente de humanização muito forte aqui. Isso é algo que nós podemos levar para Angola”, completa.

A gratidão é demonstrada também por Albano Eugênio, que se especializou em cuidados intensivos e já retornou para Luanda. “Mudou completamente minha atuação. Fez de mim um médico melhor”, explica Eugênio.



O angolano Job Monteiro se especializa na Unicamp | LUCIANO CLAUDINO/CÓDIGO19

O hospital ou clínica angolanos pagam os salários dos médicos durante o período de aperfeiçoamento no Brasil e a **Unicamp** entra com o conhecimento e a prática dos profissionais de cada especialidade.

Muitos retornam para o

país de origem com cargos mais altos e também com ganho salarial. “Tenho colegas que assumiram cargos em hospitais importantes. A ideia é fazer alguma diferença. Isso é um dado inegável. Temos médicos que passaram por aqui que são chefes

em clínicas de neurologia no país”, comenta Antônio.

## Reconstrução

Segundo Aoki o convênio foi fechado devido a um período de muita dificuldade em Angola. “Em 2001 o país estava destruído devido à

“Tenho colegas que assumiram cargos em hospitais importantes. A ideia é fazer alguma diferença. Isso é um dado inegável.”

JOB MONTEIRO JAMA ANTÔNIO,  
NEUROLOGISTA

guerra civil. Faltava infraestrutura, profissionais, havia problemas em todas as áreas”, comentou.

Na época, apesar de uma agência de cooperação internacional do Japão ter ajudado com R\$ 45 milhões para a reconstrução do país, não havia mão de obra especializada, principalmente na área de saúde. Em 2004, havia cerca de 1,2 mil médicos em Angola para uma população acima de mais de 13 milhões de pessoas. Segundo Aoki, essa estrutura era capaz de atender apenas 300 mil pessoas. © CARLOS GIACOMELLI